

Nietzsche imoral? Considerações sobre a genealogia e crítica da moralidade cristã europeia

Is Nietzsche immoral? Considerations on the genealogy and critique of European Christian morality

João Victor Monteiro Maciel Nunes¹, Sérgio Ricardo Vieira Ramos².

Resumo

O presente artigo tem por finalidade exercer uma reflexão e análise, num recorte tópico da filosofia nietzschiana, enfocando a temática da moralidade cristã europeia. Trazendo como fator desencadeador a problemática moral e a questão do cristianismo apresentada no Crepúsculo dos ídolos, que envolve a crítica filosófica do autor sobre questões referentes a religião, filosofia, moral. Essa reflexão incide sobre a moralidade presente na religião cristã europeia, e conseqüentemente, no mundo ocidental.

Abstract

This article aims to exercise a reflection and analysis, in a topical cut of the Nietzschean philosophy, focusing on the theme of European Christian morality. Bringing as a triggering factor the moral problematic and the question of Christianity presented in the Twilight of the idols, which involves the author's philosophical critique on issues concerning religion, philosophy, and morals. This reflection focuses on the morality present in the European Christian religion, and consequently, in the Western world.

Palavras-chave: Antinatural. Genealogia. Moralidade cristã. Amor Fati. Eterno retorno.

Key Words: Amor Fati. Christian Morality. Eternal Return. Genealogy. Unnatural.

Introdução

O presente artigo tem por finalidade exercer uma reflexão e análise, num recorte tópico da filosofia nietzschiana, enfocando a temática da moralidade cristã europeia. Tomando-se como referências norteadoras a leitura e pesquisa do livro *Crepúsculo dos ídolos*, configurou-se o cenário do pensamento principal de Nietzsche, que envolve a crítica filosófica do autor sobre questões referentes a religião, filosofia, moral e que possui principal enfoque na análise desta moralidade presente na religião cristã europeia.

¹ Ensino Médio (2º grau) em andamento. Colégio de Aplicação UFPE, CAP, Brasil.

² Possui doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008). Atualmente é carreira docente da Universidade Federal de Pernambuco. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Ética. svramos@oi.com.br

Primeiramente, faz-se necessária a caracterização desta moral. Nietzsche aponta em sua obra, que o perfil valorativo presente nela, provém do que ele designa por “moral de escravos” associada a valores que foram criados no *ressentimento* reativo e massificador; na culpa porque alguém morreu por nós; na negação da vida e não na sua afirmação, como se notará na moral “nobre aristocrática”. Nietzsche então aprofunda a problemática presente na pregação valorativa sacerdotal, considerando-a como *decadent*, que vai de encontro até mesmo aos princípios originais da filosofia de Jesus Cristo. Esta negação, estetizada por este artífice dos sentimentos de culpa que é o sacerdote em uma espécie de ascetismo contra as paixões, adquire um caráter antinatural, termo presente na obra *Crepúsculo dos Ídolos*, e que recebe um enfoque importante no desenvolvimento deste texto.

Depois, num desdobramento a respeito do processo genealógico de Nietzsche, é levantado o significado do termo genealogia que, analiticamente Antonio Paschoal (2000, p. 1) articula no modo do “exercício de uma forma de vontade de poder e como uma arte de interpretação, que ultrapassa em muito qualquer associação com a ideia de pesquisa, produção e acúmulo de conhecimentos”, de sorte que, para além do manifesto, se prospecta uma demanda de sentido e suas camadas.

Além disso, avançamos para um destaque quanto à originalidade do método nietzschiano. Como é destacado pelo próprio autor, o trabalho genealógico anterior ao seu tinha como erro principal, a inserção de uma finalidade, uma utilidade (utilitarismo inglês), na origem de conceitos como bem ou mal, estabelecendo-os como estáticos, cristalizados em meio ao devir da história desde sua origem até o ponto atual em que se encontra.

Tendo em vista os tópicos discutidos relacionados ao principal problema do cristianismo europeu, é realizada finalmente uma proposição por Nietzsche, de como seria possível uma superação, uma reconstrução dos valores morais estagnados, um ato de criação pós-destruição dos seus “golpes de martelo”, a verdadeira tarefa que compete ao filósofo. Desta maneira, são estabelecidos ideais da conduta humana – o “super homem”, “eterno retorno”, “amor fati”, este último sendo mais interessante à vigente pesquisa– concluindo assim de maneira afirmativa e rica de instintos vitais, uma resposta ao ressentimento, ao ascetismo à antinatureza presente na moralidade cristã europeia e, de uma ótica maior, na sociedade ocidental atual, que tem seus valores fecundados e gestados nas entranhas da cristandade europeia.

1. A problemática da moral

“[...]Arrancar as paixões pela raiz significa arrancar a vida pela raiz: o procedimento da igreja é hostil à vida”. (Crepúsculo dos ídolos, 2016, pág. 43)

Assim se inicia a primeira parte do capítulo “A moral como antinatureza” do livro *Crepúsculo dos Ídolos*. Nietzsche já apresenta uma acusação agressiva aos ideais da igreja cristã europeia: a de que a moral empregada em seus alicerces possui como base uma aniquilação das paixões no espectro vital humano, numa querela que, naturalmente, tem comunicação com o mundo grego desde Platão, mas que sofreu golpe de gênio com a teologia paulina do pecado e da redenção.

Para Nietzsche, não haveria uma apropriada reflexão, por parte da tradição eclesiástica e de grande parcela da comunidade filosófica, acerca do valor das paixões e afetos na vida humana. O autor acusa ser impossível exercer-se uma chamada “espiritualização das paixões” – que consiste numa reflexão crítica e amoral acerca da importância dos afetos, seguida da efetivação dessa análise na construção da moralidade – tendo como base a formação da moral cristã, que viria de um suposto *ressentimento* contra o *espírito nobre* aristocrático. De fato, estamos diante de uma instrumentalização da vontade de potência impingida pela vontade de potência interdita agora justificando sua hostilização a vida que se tem. O que se evidencia no texto *A genealogia da moral* é que

A moral cristã é a revolta dos indivíduos inferiores, das classes submetidas e escravas, à casta superior e aristocrática. O seu verdadeiro fundamento é o ressentimento: o ressentimento daqueles a quem a verdadeira reacção, a da acção, é interdita, e que encontram compensação numa vingança imaginária. Enquanto toda moral aristocrática nasce de uma afirmação triunfal de si, a moral dos escravos opõe desde o princípio um *não* ao que não faz parte dela mesma, ao que é diferente de si e constitui o seu não-eu; e é este o seu acto criador. Esta inversão do olhar valorativo, este ponto de vista que se inspira necessariamente no exterior, em vez de se fundar em si mesmo, é o próprio ressentimento. (2000, p.51)

Esse ressentimento presente na base ideológica em que se fecunda o cristianismo europeu tem o “castratismo” como um ideal relativo às paixões. Um movimento de reação proveniente de indivíduos “fracos de vontade”, que não conseguem impor limites aos seus afetos, e necessitam de um abismo entre a “razão” e suas paixões, garantindo assim que haja um controle totalitário sobre elas. Trata-se de forças reativas, as forças reativas da moral.

Podemos tomar como registro histórico exemplar a negação do desejo sexual de amplíssimas consequências na história da sexualidade ocidental, sejam em seus dispositivos repressivos, em suas reações libertárias, libertinas ou promíscuas, quer dizer, em todo o espectro de sua vivência até os dias que seguem. Está-se diante de uma desvirtuação de um processo inerente à vida humana: a sexualidade. Com a proposta de aniquilação destas

paixões, que são prontamente associadas de forma equívoca aos vícios que elas podem trazer, o indivíduo estaria assim colocando um limite sobre algo que está exercendo más consequências e que está fora de seu controle, como a aniquilação de um vício. Isso denuncia exatamente um caráter impotente, uma espécie de fraqueza do ser, tendo em vista que ele não deixa de sentir estes afetos, O que não consegue é dar-lhes vazão e evitar os seus vícios. Então qual a solução encontrada? A total hostilidade e aniquilação aos sentidos, visando a “pureza de espírito”, quando na realidade uma conduta mais afirmadora da vida - no sentido da efetivação da vontade e dominância de forma afirmativa do indivíduo sobre seus afetos - seria uma espécie de reflexão e *espiritualização* das paixões.

Esta conduta reativa seria algo *decadent* – vocábulo utilizado pelo filósofo para designar ações ou modelos hostis à *saúde* e fisiologia humana – pois indicaria uma fraqueza de espírito e uma forma de negação, presente nestes indivíduos. Nietzsche pontua de forma satírica em *Crepúsculo dos ídolos*: “Aniquilar as paixões e apetites apenas para evitar sua estupidez [...] nos parece hoje apenas uma forma aguda de estupidez” (2016, p. 42)

Estes indivíduos se colocam em posição de valorar a vida quando determinam essas condutas agressivas à própria natureza humana. Trata-se de uma vida cindida, esteio da hipocrisia, da má-fé e de vasto espectro da violência que a história disponibiliza.

Existe uma moral *sadia* determinada por um “instinto de vida” proveniente de condutas de afirmação da vontade humana - que serão posteriormente desenvolvidas, a exemplo do amor fati– e que são contrapostas justamente por uma condenação destes instintos fomentada pela moral antinatural, que se desdobra como negação da vida, uma espécie de *niilismo* reinando sobre a visão de mundo de indivíduos que a adotam. O niilismo que se converteu nesse sintoma da doença europeia incontornável, uma vez que, por ter-se desenvolvido na negação da vida, principiou por fazer da negação uma forma de vida.

E o que seria então esta “moral sadia”? Esta seria o conjunto de valores criados a partir de uma perspectiva afirmadora da vida, embasado em instintos intensificadores dela. A “moral nobre” segundo Nietzsche, é algo que nasce a partir dos próprios indivíduos, como exteriorização de suas vontades e instintos afirmadores da vida.

O nobre consideraria o bom como algo que ele mesmo estabelece, ele é autônomo, não se baseando em morais que lhe são exteriores, oposto do que ocorre ao que o autor define como o que se nomeou como “moral de escravos”, esta que é elaborada a partir de um ressentimento e uma vontade de negação da “moral nobre”, aristocrática, reitere-se, a moralidade cristã europeia.

Conceitos como Deus, por exemplo, numa moralidade antinatural pode aparecer como negador dos instintos e afetos, enquanto que numa moral sadia, como a da sociedade grega, Deus surge como uma forma de expiação de perigosos sentimentos de culpa. Ao experimentar a culpa perante um determinado Deus sobre uma ação que não seria digna de alguém *bom*, o sentimento de culpa é assim desvinculado do vivente, abrindo assim um caminho para a afirmação criadora e superação destes determinados problemas morais.

O equívoco sobre a valoração dos indivíduos *decádents* em relação à vida já se inicia exatamente na própria compreensão de que seria possível estabelecer um valor sobre a vida estando presente nela, sendo parte dela.

Nietzsche aponta a inutilidade desta rebelião contra a vida, que teria se tornado algo sacrossanto na moral cristã a partir do momento em que condutas ascéticas e condenadoras das paixões são empregadas, num caráter geral. Para chegar-se ao problema do valor da vida, seria necessária a experiência de inúmeras outras vividas, de uma posição fora dela. Só assim uma análise de seu valor seria de certa forma autêntica – algo que se torna inacessível para um vivente. Assim pontua-se no *Crepúsculo*:

Deveríamos assumir uma posição *fora* da vida, e, por outro lado, conhece-la tão bem quanto um, quanto muitos, quanto todos que a tenham vivido para poder chegar a tocar no problema do *valor* da vida: razões suficientes para se compreender que esse problema é inacessível para nós. (2016, p. 46)

Isso porque a própria vida força a fixar valores sobre ela, sem deixar de consubstanciar uma ótica particular do indivíduo sobre esta. Não há maneiras de exercer uma crítica autêntica pelo simples fato do homem ser objeto num jogo das forças que atuam sobre ele mesmo. Na realidade, uma moralidade ascética, este *modus vivendi* que condena os afetos provenientes da vida é apenas reveladora da “fisiologia” do indivíduo que a internaliza. Um tipo de vida *decádent*, de negação, antinatural.

E quanto maior se dá a luta contra os instintos, maior se indica o nível de fraqueza do indivíduo perante o seu próprio controle. Seria assim considerado para Nietzsche, mais impotente que um asceta o que ele define como *asceta impossível*, isto é, o indivíduo que apesar de idealizara constante luta contra os instintos, não consegue sequer segui-la – e se martiriza por isso.

Aniquilar as forças internas visando alcançar essa espécie de “paz da alma” nada mais seria, segundo Nietzsche, que uma renúncia a “grande vida”.

Para ele, a espiritualização da hostilidade nasce à medida que se faz uso destes antagonismos interiores, como terreno fértil para desfrutarem ações afirmadoras da vida. Sem

este conjunto de forças antagônicas, não haveria certamente uma força criadora, moldadora de condutas valoradas a partir do indivíduo e para ele. Condutas tidas como a própria *moral sadia* são provenientes da guerra de instintos presente no interior do ser, e na constante valoração estabelecida sobre. Mas como Nietzsche descobriu esses valores crepusculares e sua superação? Avancemos sobre o aprendizado da genealogia.

2. A construção da genealogia

Friedrich Nietzsche tem uma trajetória de análise histórica extensa até atingir o seu próprio método de historicidade original – a Genealogia.

Nietzsche tem sua primeira formação acadêmica em Filologia, o que dá pistas acerca do interesse em uma investigação histórica por parte do autor. Ele tem em vista a pretensão de criar um procedimento filosófico que consiga unir filosofia e história, de modo a não cair em uma teleologia, como a hegeliana e seu enrijecimento desvitalizado em sistema do qual Nietzsche é um forte crítico, e nem sequer exercer apenas um estudo histórico científico.

a) Contra a história acadêmica.

De início, o autor conduz uma crítica ao próprio estudo histórico tal como ciência, derivado do positivismo. Esse estudo histórico a emancipa da própria vida, para manter um compromisso com a verdade, como é descrito pelo professor da Universidade de Paris, Bertrand Binoche: “ [...] A partir do momento em que se determina que a história se torne por vocação uma ciência e se exige prioritariamente que seja verdadeira, deve-se efetuar a abstração radical e mutiladora de sua relação com a vida.” (2014, p. 34)

Isto, segundo Nietzsche, tornaria a história *paralisante e nivelada*, uma vez que não se permite mais a seleção dos fatos históricos a que se importa reter. Avança Binoche: “*O passado se torna o apeiron sob o qual o presente se encontra imerso*”(2014, p. 39)

Além disso, uma vez que todos os fatos históricos possuem o mesmo valor, qual seria um determinante para o estudo de um objeto específico e não um outro? Essa pergunta Nietzsche coteja em seu livro *Considerações Extemporâneas*: “ Admitindo que um deles se ocupe com Demócrito, está sempre em meus lábios a pergunta: mas por que justo Demócrito? Por que não Heráclito? Ou Filon? Ou Bacon? Ou Descartes? – e assim por diante, à vontade.” (1999, p. 280)

Esse afastamento entre a história e os instintos vitais a deixam com uma contradição inerente, já que argumenta abdicar de todo juízo de valor em sua produção, mas ao mesmo tempo acredita na verdade absoluta.

b) Filosofia da História.

Continuando sua análise, desta vez acerca da Filosofia da História, Nietzsche critica o filósofo do idealismo alemão Georg W. F. Hegel em sua perspectiva teleológica: Nietzsche considera que a filosofia da história em Hegel, por pretender cunhar leis históricas universais em que o curso da história caminha para o “espírito do mundo” é, de certa forma, um tanto extravagante, além de tornar o homem um adorador do processo histórico, não mais um sujeito, mas objeto dele.

Além disso; essas leis, na verdade, essa suposta entronização numa totalidade que resolve a realidade na razão desdobrada no curso da história do mundo, são regulações que permeiam toda a história e que por isso servem apenas para as massas, fazendo aparecer somente “regularidades estatísticas” como aponta Binochi(2014). Seria então uma maneira de negar a vida, as individualidades por trás dela e submeter o homem ao rebanho.

c) Filosofia Histórica

Por conseguinte, Nietzsche dá as bases do que seria seu método de filosofia, ou Filosofia Histórica. Essa, não se trata de refletir sobre a história como as anteriores, mas exercer uma filosofia levando em consideração um saber histórico, portanto um saber fazer de uma reflexão.

O filósofo opõe à filosofia histórica a filosofia metafísica, ou seja, opõe-se às ideias de que existem conceitos eternos, como o belo, o bom; que se encontram assim como nas ideias platônicas.

Essa filosofia histórica não trata mais, portanto, do valor da história, e sim da história por trás dos valores e sentimentos morais. Para chegar a esta última, Nietzsche precisou optar por um método de análise, escolhendo assim como modelo uma análise utilitarista da história.

O utilitarismo inglês, considerado por Nietzsche estabelece um critério de utilidade na origem de conceitos e ideias, assim pontuado em *Humano Demasiadamente Humano*:

Em um primeiro momento, o conflito e reconhecerem-se mutuamente; mas, num segundo momento, o hábito recobre a utilidade originária e assim se esquece por que se denomina “justo” o que se julga “justo”. É preciso então legitimar de outro modo tal designação, e inverte-se o motivo inicial: “pouco a pouco surgiu a aparência de que uma ação justa é uma ação não egoísta.” (2000, p.44)

Sendo assim, Nietzsche adota um esquema: na origem, a utilidade dita o valor de algo, que rapidamente é recoberta pelo hábito e há, enfim, a reinterpretção falaciosa da origem – a interpretação da origem ausente de uma já esquecida utilidade. Como aponta Binoche:

“Tais ações, em que foi esquecido o motivo fundamental, o da utilidade, denominam-se então morais: não porque seriam realizadas por aqueles outros motivos, mas porque não são feitas em nome da utilidade consciente” (2014, p. 52)

Ora, leremos em *Considerações extemporâneas*:

[...]notar-se-á que, numa tal perspectiva, o esquecimento encontra-se necessariamente assimilado a uma espécie de erosão natural dos traços, ao seu apagamento gradual pelo hábito, em contradição com a faculdade positiva que levava em conta, contra a memória histórica. (1999, p. 8)

d) Início de uma Genealogia

A partir daí, Nietzsche exerce uma quebra com o pensamento utilitarista que até então possuía. Isto porque ele substitui o conceito de utilidade engendrado à origem, pelo de vontade de potência.

Segundo ele, quando se reduz o conceito de *bem e mal* a uma utilidade, existe ainda uma manutenção dos valores metafísicos universais; e, portanto, cristalizados, de que o bom é o útil e o mau o nocivo. Se projeta assim um modelo de evolução linear do desenvolvimento humano, fato combatido pelo autor, que sempre reitera a contingência e a vontade de potência como principais agentes na história humana.

Sendo assim, Nietzsche desenvolve a sua própria filosofia histórica – e a nomeia Genealogia. Este termo foi pouco utilizado na comunidade filosófica. É um termo o qual Nietzsche usa para designar sua historicidade original, que superaria todas as outras com que foi confrontado anteriormente.

O termo genealogia remete ao conceito de origem, o estudo das origens de um indivíduo ou família. É nesse campo conceitual que é praticado o estudo genealógico de Nietzsche, abolindo da origem um caráter metafísico e atribuindo a ela uma interpretação da realidade, dominada por vontades de poder, que vão vencendo umas às outras e alterando o algo com o passar do tempo, tornando este sempre mutável e de acordo com o sujeito que se assenhora dele. É necessário perceber que não se trata de encontrar aquilo que é útil à comunidade, a própria utilidade estaria a serviço da vontade de potência existente em cada indivíduo; o “útil genealógico” é aquilo que permite que a potência se estenda indefinidamente.

Para Nietzsche, compreender a utilidade de algo, de uma forma ou de uma instituição, está longe de significar a compreensão de sua gênese. Para ele, “todas as utilidades são apenas indícios” da ação das forças no processo histórico. Uma utilidade atual denota apenas uma apropriação, que ocorre numa cadeia de apropriações e que produz sempre novas utilidades.

Então, o trabalho da genealogia desvela o que de fato se experimentou como vida moral: o *ethos* do rebanho, a ruminação, a paz do rebanho, mera sobrevivência ou negação da vida.

3. Eterno retorno & amor fati – a temporalidade da vida humana

Nietzsche apresenta de forma alegórica o termo “eterno retorno” no desdobramento discursivo de sua obra *Assim falou Zaratustra*, deixando interpretações variadas acerca de seu conceito na literatura de comentadores.

O eterno retorno do mesmo, e posteriormente o amor fati, fazem parte de um pilar central da filosofia Nietzscheana, que se estende para conceitos como o “além do homem” (Übermensch) – a temporalidade.

O eterno retorno não foi originado como uma teoria ou tese científica sobre a concepção do tempo; seu campo conceitual está em uma ideia de qual seria a posição que o “além do homem”, o “homem melhorado”, teria diante do niilismo e da concepção de temporalidade cristã. Nisso, o filósofo chega a utilizar-se de forma irônica do termo “doutrina” a se referir ao eterno retorno; quando exemplifica, que o próprio cristianismo não se utilizou de elementos científicos para conquistar a grande influência que possui na sociedade ocidental, como pontua Diego Sánchez Meca em seu artigo *Nietzsche ou a eternidade do tempo*:

[...] Por exemplo, a representação puramente imaginária do inferno, da condenação eterna ardendo em inextinguíveis chamas incandescentes e na qual se é atormentado sem descanso por legiões de demônios que pululam com seus tridentes e chifres, não precisou nunca de fundamento científico que demonstrasse sua verdade e, no entanto, produziu sem dúvida alguma um enorme efeito sobre a conduta dos indivíduos durante dois mil anos. (2013, p. 186)

De fato, Nietzsche não almeja postular nenhuma teoria científica sobre o tempo em si, mas sim uma crítica reflexiva à visão linear da temporalidade, que é presente no seio cristão.

Na visão de mundo cristã, recorda Meca, o tempo se divide em “criação, pecado original, redenção e escatologia” (2013, p.187). Isso torna a estrutura temporal como seguidora de uma linearidade, composta por passado, presente e futuro.

O grande problema desta visão se insere a partir de que cada ponto, por mais ínfimo que seja, necessita da aniquilação de um outro para existir. O presente é apenas um instante, um lampejo de vida que logo é destruído e tornado passado, e o futuro, é apenas uma ideia que nunca irá se realizar. O passado é morto, está morto e substituído pelo momento presente, e nisto o ciclo se repete.

O ser humano se encontra absorto em instantes sem vida, sem relação nem com um passado, que já foi aniquilado, e nem com um futuro (e presente), que já não possuem nenhuma plenitude de existência.

Isso, para Nietzsche, se torna um erro complexo, porquanto quem internaliza uma perspectiva linear do passar do tempo, está também negando a própria existência – negando a vida. Comenta Meca:

Donde a convicção do niilista que vive segundo essa experiência da temporalidade linear de que a vida não é, na verdade, um viver, mas somente um vão e ilusório passar; uma pura aparência de sonho cujo pano de fundo feito de nada a revela como sendo sem sentido, como absurda em si mesma, sendo necessário projetar o sentido e o valor num outro mundo, numa transcendência. (2013, p. 188)

Acreditar em viver apenas um futuro e negar o instante presente (que logo se destruirá e se tornará passado) é, para Nietzsche, negar a vida: aí se encontra um dos pilares do niilismo cristão em sua concepção.

Para responder a isso, o filósofo desenvolveu a sua ideia do eterno retorno: Há uma passagem na sua obra *Assim Falou Zaratustra* em que “Zaratustra vê a si mesmo sob o portal do instante (Augenblick), onde se cruzam os caminhos dos tempos, o passado e o futuro ” . (Meca, 2013, p.189.) Nesse momento, ele está vivenciando a atuação do eterno retorno – viver no instante presente, voltar-se para ele, isso é o eterno retorno do mesmo. É necessário que haja um desprendimento dessa negação constante de cada instante para tornar essa pluralidade em um momento só, que exista e que seja vivo. Só assim haverá uma plena aceitação da vida em todos os seus instantes vividos.

O passado deixa de ser algo irreversível, que determina todo o presente de maneira fatal, e torna-se algo a que deve se dar sentido. Sua plena aceitação só depende do indivíduo e há uma chance de reconstruí-lo, de forma afirmativa, e não negativa como o algo acorrentador da visão linear do tempo.

De mesmo modo funciona o futuro. Ele deixa de ser algo incerto e que submete o homem, e passa a ser, insiste Meca: “o espaço onde desenvolvemos um projeto a partir de uma antecipação feita em função do nosso conhecimento do presente e de nossa reinterpretção do passado.”(2013, p.190)

Por isso, não importa como foi seu passado, o indivíduo deve aprender a amá-lo [amor fati] e reinterpretá-lo a partir das condições que o levou ao presente, e a partir do sentido que se dá a seu futuro. Aí vive também o conceito de “Amor Fati”, que diz respeito exatamente a esse amor ao destino e aos acontecimentos da vida:

Viver o tempo como eterno retorno significa que as três dimensões do tempo se dão simultaneamente em cada instante da temporalidade vivida, o que torna o instante igual à eternidade. [...] Como se pode agora compreender facilmente, o eterno retorno não é outra coisa senão amor fati (amor ao destino) e vontade de potência afirmativa com a qual damos um sentido à nossa existência. (Meca, 2013, p. 190)

Seria preciso então, viver cada momento com uma afirmação, à nível de se desejar viver este exato momento por incontáveis vezes. Isto é a aceitação da vida, a aceitação do destino e toda a vontade de construção que dá um sentido a vida do homem pós-niilista, do “além do homem” [*Übermensch*].

O eterno retorno nega esse plano metafísico cristão onde se obteve o desenrolar do tempo. Ele altera o centro da ótica do indivíduo sobre a vida – de uma visão dualista para uma unicista e afirmativa. A vida passa a ser totalmente contemplada no “Amor Fati”, que retira o centro de Deus e o coloca no presente.

Finaliza-se assim, com a instigante citação de Nietzsche em sua obra *A Gaia Ciência*:

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. Amor-fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (2012, p.160) (§276)

4. Considerações finais: amoral, imoral, moral?

Realizado este recorte da crítica nietzschiana à moral, seria possível estipular o filósofo como um imoralista?

É, primeiramente, decisivo compreender que para Nietzsche, a história da moral é a história da negação daquilo que diz respeito à vida. História que sufoca a “vontade ativa” da criança num progressivo *não!* que culmina no niilismo da cultura.

É recorrente uma certa ironia, ou mesmo “extravagância” – não no sentido de afetação e sim como uma maneira enfática, enérgica e até mesmo poética de deliberar temas – de Nietzsche em seus escritos, como pontuado neste trecho do *Crepúsculo*:

Moral: livrar-se do engano dos sentidos, do devir, da história, da mentira – a história não passa de crença nos sentidos, de crença na mentira. Moral: negar tudo que crê nos sentidos, o resto da humanidade: ela não passa de ‘povo’ (2016, p. 34)

É notável a oposição enfática de Nietzsche a tudo o que ele considera como *décadent* nestes valores estipulados durante a história. O filósofo recorrentemente exerce uma exaltação a Dioniso, como deus grego do desregramento, do vício, da libertinagem, e se auto intitula como imoralista em alguns trechos de suas obras, como se segue em *Crepúsculo*: “Nós imoralistas, abrimos nosso coração [...] para toda espécie de compreensão, [...] aprovação. Não negamos facilmente, procuramos nossa honra no fato de sermos afirmadores.” (2016, p. 48)

Entretanto, não se deve confundir este louvor à Dionísio, aos instintos e a vontade como uma atitude desleixada, sem compromisso. Nietzsche não estabelece como solução para a moral castradora, uma total perdição em vícios. Criatividade, invenção, plasticidade, jogo, que identificamos na criança e no artista, são outro modo de defender a cultura contra o filisteísmo da civilização e da moral que nega a vida e o dever.

Nietzsche estabelece que se deve apenas afirmar, dizer sim, enquanto a moral até então nos disse contínuos não. Buscar a superação do homem da moral não significa abolir todos os valores mas transvalorar.

É através do “Amor Fati”, da aceitação ao destino, do amor à vida, da vontade de potência, do saber dizer sim, que ele fundamentou sua solução para a moral cristã europeia e para o niilismo. Não se trata de uma negação, mas de uma afirmação contrária as forças reativas da moral. Não se trata de nenhuma negação sobretudo. Trata-se de uma moral sadia, construtiva, que contenha vida em si, e que pouse sua ótica afirmadora sobre o mundo, um modo distinto de valorar a vida. Essa, construída “a golpes de martelo” e que torne possível a transvaloração dos valores, o soerguimento de uma vida totalmente nova.

Referências

- BINOCHE, B. (2014). Do valor da história à história dos valores. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, N. 34 – vol 1, 35-62.
- GOMES, N. S. (2014). **Espiritualidade, Religiosidade e Religião: Reflexão de Conceitos em Artigos Psicológicos**. *Revista de Psicologia da IMED, ISSN 2175-5027*, 107-112.
- MECA, D. S. (2013). Nietzsche ou a eternidade do tempo. *Caderno Nietzsche*, São Paulo, N. 33, 181-196, 2013.
- MOREIRA, F. d. (2015). O conceito de antinatureza em *Crepúsculo dos ídolos*. *Poiesis: Revista de Filosofia*, Unimontes, Paraná, v. 12, n. 2, p. 57-74, 2015.
- NIETZSCHE, F. (2012). *A Gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1999). *Considerações Extemporâneas*. (R. R. Filho, Trad.) São Paulo: Nova Cultural.

_____. (2000). *A Genealogia da Moral*. São Paulo: Vozes.

_____. (2016). *Crepúsculo dos Ídolos*. (R. Zwick, Trad.) Porto Alegre, Brasil: L&PM.

OSIRIS, C. (08 de 04 de 2018). *Cristianismo, Budismo e Cristo em Nietzsche*. Fonte: Eupatheia: <https://eupatheia.wordpress.com/2013/08/28/cristianismo-budismo-e-cristo-em-nietzsche/>

PASCHOAL, A. E. (2000). O procedimento genealógico de nietzsche . *Revista Diálogo Educacional*, Paraná, v. 1 - n.2, p. 1-21, 2000 .

RUBIRA, L. (2008). O amor fati em nietzsche: condição necessária para a transvaloração? . *Polymatheia – Revista de Filosofia*, Fortaleza, VOL. IV, Nº 6, 227-236, 2008 .

VIEIRA, M. R. (Jan. 2015). Genealogia e moral cristã europeia em Nietzsche . *SABERES*, Natal- RN, v. 1, n. Especial: I ENAFA e XXIV Semana de Filosofia da UFRN, Jan. 2015, 46-58.